



Impactos do COVID-19 no comércio internacional e os reflexos em Minas Gerais

O comércio internacional será fortemente abalado pela pandemia do novo Coronavírus em 2020. Com as economias mundiais desaquecidas, as limitações de transporte entre países e o aumento nas restrições ao comércio, crescem os obstáculos para que empresas de diferentes lugares comprem e vendam bens entre si, aumentando os impactos no comércio mundial.

Conforme a análise da Organização Mundial do Comércio (OMC), o comércio internacional terá uma queda entre 13% e 32% em 2020. Todas as regiões irão observar declínios em seus volumes comerciais, sendo a América do Norte e Ásia as mais afetadas, do ponto de vista das exportações, cuja as quedas seriam de mais de 40% e 36%, respectivamente. A América Latina e a Europa também sofreriam quedas de mais de 30%. Os principais motores da economia europeia também estão sofrendo: na Alemanha, a economia se contrairá quase 10% no segundo semestre, pela primeira vez na história recente, e na França haverá uma recessão com uma queda no PIB em torno de 6% no primeiro semestre, o pior resultado trimestral desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Ademais, setores de cadeias complexas, como o automotivo e o de eletrônicos, sofrerão quedas bruscas, embora serviços, transporte e turismo sejam os mais diretamente afetados pelos efeitos da pandemia. A Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA), registrou uma queda de 80% nos voos mundiais no início de abril e estima-se que as perdas globais de receita do setor devam ficar entre US\$ 63 bilhões e US\$ 113 bilhões, em 2020.

A crise da Covid-19 afetou o transporte de cargas e pessoas, canais de logística, e as cadeias globais de valor. Devido às restrições impostas para impedir a propagação da doença, setores inteiros das economias fecharam, como hotéis, restaurantes, comércios não essenciais, turismo e uma parte significativa da atividade manufatureira. O Fundo Monetário Internacional (FMI), estima uma contração global de 3%, mas a queda do PIB pode ser maior, se a pandemia não for controlada e as medidas de confinamento tiverem de se prolongar no segundo semestre.

Com relação aos impactos na China, a segunda maior economia do mundo está quase parada. Nos primeiros meses do ano, a China assistiu sua produção industrial (que mede as atividades de manufatura, mineração e serviços públicos) despencar no maior ritmo das últimas três décadas. A indústria caiu 13,5% em janeiro e fevereiro, sendo o resultado mais fraco desde janeiro de 1990, impactando diretamente nas exportações e importações. As vendas no varejo caíram 20,5% em relação ao ano anterior, o maior declínio da série histórica.

A China tornou-se o centro de fabricação de muitas operações de negócios globais e qualquer interrupção na produção da China repercute em outros lugares por meio de cadeias de valor

regionais e globais. A desaceleração da China afetou diretamente a atividade de exportação de países ao redor do mundo, tendo um efeito imediato sobre o petróleo, o GNL, produtos agrícolas e metais.

A recuperação ainda é incerta e dependerá da duração da pandemia e a efetividade das respostas dos governos, mas, aos poucos os países estão se estruturando para a retomada das atividades destacando a importância do comércio internacional na superação à crise do coronavírus. A Alemanha, depois de declarar a epidemia de coronavírus "sob controle", começa a flexibilizar a quarentena no país, com a abertura de estabelecimentos comerciais com até 800 metros quadrados. A Albânia autorizou a retomada da atividade econômica em cerca de 600 setores, incluindo agricultura, pecuária, produção de alimentos, mineração, indústria têxtil e pesca. França, Espanha e Itália, que registram um declínio no número de pacientes e de óbitos após semanas de alta, também estão se preparando para as primeiras medidas de suspensão do isolamento e Israel lançará um plano de retomada gradual das atividades.

Seja pela desaceleração da economia global, pela limitação de transporte ou pelo possível aumento de restrições ao comércio, a queda no cenário comercial internacional impacta também o estado. Até março, segundo estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), já havia 186 países e territórios afetados pelo Covid-19, destes, 135 realizaram comércio acima de US\$ 100 mil com Minas Gerais em 2019, ou seja, são responsáveis por 99,5% das exportações mineiras no último ano, com um acumulado de US\$ 25 bilhões.

Entre janeiro e março de 2020, com o advento da pandemia Minas Gerais já deixou de exportar US\$ 803 milhões, os parceiros comerciais que registraram maior queda na aquisição de produtos mineiros em comparação ao mesmo período de 2019, foram: China (US\$ - 307,1 milhões), Reino Unido (US\$ - 148,8 milhões) e Estados Unidos (US\$ 109,5 milhões). Proporcionalmente ao período de 2020, os que apresentaram maior queda nas exportações mineiras foram: Irã (-99,3%), Reino Unido (-52,6%), Turquia (-48,5%) e Bélgica (-33,1%).

Durante este período Minas Gerais deixou de exportar US\$ 1,44 bilhões, o equivalente a uma variação de -13,9%, se comparado a novembro de 2018 a março de 2019.

**O estudo foi desenvolvido pela Diretoria de Promoção de Exportações (Dipex) e Assessoria de Cooperação Nacional e Internacional (ACI).*